

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Sofrimento psicológico, expressão e ficção: uma análise do
romance *Kindred: Laços de Sangue* de Octavia E. Butler

Monografia apresentada ao Departamento de
Psicologia da Universidade Federal de São
Carlos como requisito parcial para obtenção
do grau de Bacharel em Psicologia.

Discente: Gabrielle Sabino Vieira

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Débora Cristina Morato Pinto

São Carlos, São Paulo

2024

Agradecimentos

Aos meus pais, irmãos e ao meu noivo. A família que sustentou juntamente comigo esse sonho.

Suportar a vida continua a ser o primeiro dever dos vivos.

Sigmund Freud

Resumo:

O presente estudo tem por objetivo desenvolver uma análise a partir do livro *Kindred: Laços de Sangue*, de Octavia E. Butler, um romance histórico situado no campo da literatura de ficção científica. A análise proposta tem por base a psicanálise, levando em consideração o seu entendimento de um método de investigação e construção do conhecimento que se fundamenta na interpretação a partir de processos e conceitos psicanalíticos. Compreende-se nos estudos e reflexões aqui propostas o estudo da literatura e da psicanálise e seu diálogo, especialmente os seguintes pontos: a culpabilização no mal-estar da cultura, o pacto civilizacional, a partir dos textos freudianos: *O Mal-Estar na Civilização e Psicologia das massas e análise do eu*. Também utilizaremos Frantz Omar Fanon que dialoga com a psicanálise e a relação da violência como meio de se subjetivar diante da desumanização colonial.

Palavras-chave: Psicanálise, Literatura, Octavia E. Butler, Violência, Suicídio, O Mal-Estar na Civilização.

**Psychological suffering, expression and fiction: an analysis of the novel *Kindred* by
Octavia E. Butler**

Abstract:

The present study aims to develop an analysis based on the book *Kindred*, by Octavia E. Butler, a historical novel set in the field of science fiction literature. The proposed analysis is based on psychoanalysis, taking into account its understanding of a method of investigation and construction of knowledge that is based on interpretation based on psychoanalytic processes and concepts. The studies and reflections proposed here include the study of literature and psychoanalysis and their dialogue, especially the following points: the blame for cultural malaise, the civilizational pact, based on Freudian texts: *Civilization and Its Discontents* and *Mass Psychology and Analysis of the Ego*. We will also use Frantz Omar Fanon, who dialogues with psychoanalysis and the relationship of violence as a means of subjectivizing oneself in the face of colonial dehumanization.

Keywords: Psychoanalysis, Literature, Octavia E. Butler, Violence, Suicide, Civilization and Its Discontents.

Sumário

Introdução	6
Psicanálise e Literatura.....	6
Capítulo 1	9
A autora e a Obra.....	9
Capítulo 2	18
A culpa, o mal estar na civilização e o suicídio.....	18
Capítulo 3	27
A relação com o violador, o duplo mal-estar e a resposta do oprimido.....	27
Conclusão	32
Referências	35

Introdução

Psicanálise e Literatura.

A relação entre a Psicanálise e a Literatura se esboça e se fortalece ao longo de todo o tempo de constituição da teoria psicanalítica. Para Sigmund Freud, a literatura não era apenas o conhecimento obtido através do contato pessoal com textos, mas era um fator determinante para a formação de um analista apto. Deixando isso explícito no texto “A questão da análise leiga”, de Freud (1926), ao afirmar o que a qualificação de um psicanalista deve abarcar “[...] matérias que estão bem distantes da medicina [...]: história da civilização, mitologia, psicologia da religião e literatura. Se não for bem orientado nesses campos do saber, o analista não conseguirá ter entendimento algum sobre a maior parte do material com que trabalha” (p.236).

Freud se utiliza dos mitos, lendas e histórias para trazer à existência os simbólicos conceitos que estruturaram suas análises, como diz Teixeira, (2005): “A literatura torna-se imenso reservatório de material clínico, oferecendo sua matéria-prima – simbolizações, palavras, formas imaginárias, figuras de linguagem, escansões – às intuições clínicas ainda errantes em Freud. Assim, as filiações literárias marcam a elaboração da psicanálise”. Mas não somente como exemplos para sua clínica, Freud utiliza a literatura para obter insights a respeito das suas tópicas em desenvolvimento. Pois, segundo ele, era uma surpresa que autores, poetas, e escritores acessassem e desvendassem verdades do inconsciente humano, sem terem percepção do que faziam, como afirma Rabaté (2017).

A literatura é a arte que cria e recria textos utilizando-se das palavras para comunicar e trazer à tona a experiência do corpo com a realidade, como reitera Simões, (2017). A centralidade da “fala”, o trazer à superfície o imaterial do inconsciente, a vivência humana, são exemplos de aspectos que formam esse campo de diálogo e articulação entre esses saberes, mas não somente; dada essa relação de acesso a uma parte do sujeito que a literatura fornece à psicanálise, vemos que a literatura nutre a psicanálise desde seu “nascimento”, sendo essa ponte necessária entre o mundo material e o intangível.

Seguindo neste caminho, “[...] a literatura e psicanálise aparecem como saberes solidários ao afirmarem a potência do inconsciente nas motivações humanas e, conseqüentemente, a vida como enigma.” (Teixeira, 2005). A psicanálise e a literatura estão lado a lado no que diz respeito a ampliar a existência humana e suas potencialidades. E se apropriando justamente deste lugar de potência. Neuza Santos Souza, no seu livro *Tornar-se*

Negro nos ilustra essa relação com o discurso falado ou escrito: “Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade” (1983, p. 17). É nesse lugar de potência em que a análise trabalha, sendo o tratamento psicanalítico um meio de desenvolver um novo discurso sobre nós mesmos.

A linguagem, escrita ou falada, é um modelo de percepção indispensável, na realidade o maior bem da práxis psicanalítica desde que a elaboração do método de associação livre como via de acesso à profundidade da vida psíquica foi desenvolvido por Freud e Breuer, descrito nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895). Esse método surge após a compreensão de que ter acesso ao sintoma do sujeito não era o suficiente para o trabalho no setting terapêutico, mas também a forma como o discurso chega ao psicanalista. Neste momento “A literatura, [...] surge como laboratório, juntamente com a clínica, no qual Freud se exercita na investigação da psique” (Teixeira, 2005).

Contudo, Mandil (2005) salienta que utilizar-se do recurso literário para a análise do discurso, como feito por Freud e por muitos psicanalistas após ele, não possuía como objetivo reduzir a obra a uma mera ilustração dos conceitos analíticos. Segundo Freud, a Literatura antecipa as descobertas da investigação analítica, justamente porque nela se supõe um saber do qual a psicanálise pode vir a extrair uma orientação para a sua prática do inconsciente, “A literatura é, para Freud, mais do que um campo em que é possível testar suas hipóteses teóricas, mas é também um modelo de discurso” (Moraes, 2012).

A literatura se apresenta como um meio de acesso à produção humana de seus valores, desejos, intencionalidades e reflexões, e a maneira como Freud utiliza este recursos é o que permite a ambivalência de impacto; Ou seja sobre a literatura na psicanálise e o uso da psicanálise para estudo da literatura, como nos informam Rabaté, J, & Santos, V. :

“A “ciência da literatura” de Freud inclui interpretação e hermenêutica geral, partindo do campo literário para a sexualidade com sua coleção inesgotável de exemplos, personagens, situações e até mesmo de piadas, irá aperfeiçoar diagnósticos individuais e humanos. Pode-se dizer que a literatura oferece um modo privilegiado de entrada para a “cultura”, termo que combina o envolvimento pessoal com os modos tradicionais de ficção (Bildung) com os valores que definem uma civilização (Kultur).” (2017, p.164)

O discurso surge mediado pela relação entre duas pessoas, produzindo efeitos e reverberando dentro de cada um o impacto de ter acesso ao conteúdo acobertado do outro, das concepções do que é feita a realidade sua e do outro. Sendo a literatura uma porta que permite acesso a esta alteridade. “A psicanálise vem para ampliar o sentido do texto sem pretensão de

esgotar as possibilidades de entendimento.” (Malard, 2013). Ou seja, assim como o campo literário, a Psicanálise também deve ser vista como produto de uma invenção continuada, resultado de um reexame dos seus conceitos e fundamentos, e também do seu impacto no saber coletivo, relevantes em suas intenções de conhecer a estrutura social da qual participamos.

Deste modo, podemos considerar as possibilidades na Literatura como um modo de “abordagem do real e de tratamento do traumático”, onde podemos pensar como continuar tendo acesso à existência, ao real, retomando a autoridade da palavra, do que é dito, do que é escrito como determinante, para que possa haver sim interpretação das “novas formas de sintoma que vêm sendo produzidos pela sociedade”, formas que são apresentadas nas obras literárias, como reforçam Rabaté, J, & Santos, V. (2017).

Neste aspecto, há também uma particularidade na Literatura que se apresenta como “via de contato com uma realidade não concreta, mas representada” como descrevem Pereira & Próchno (2018), podendo através dessas narrativas tocar o desamparo, os medos e os desejos, sem o mesmo potencial de vivê-las, mas, através dessa realidade representada, trazer afetos de forma minimizada, ou seja, satisfazer a desejos sem padecer as consequências.

Podemos ver em *Kindred: Laços de Sangue*, esse movimento de tocar uma realidade que não é sua, seja literalmente uma realidade que não é a vivenciada pela autora, ou simbolicamente, como a personagem voltando no passado e sendo forçada a entrar em contato com um lugar no mundo, um período da existência, que não é o seu, para que essa história de dor possa ser olhada e narrada de uma outra perspectiva, retomando o poder sobre esse discurso.

Por fim, neste lugar da fala, da narrativa, é que a psicanálise traz a mais bela e potente de suas contribuições: a produção de uma (nova) narrativa de si mesmo. Na realização de se contar, de se reeditar ao longo de uma análise é que o sujeito pode através da fantasia da transferência se ressignificar, como traz Silva (2023) “assim como o inconsciente, na linguagem fundante, *[o sujeito]* pode ser incansavelmente reinventado” (grifo próprio).

É neste espaço de poder - de se refazer- que a transformação individual se torna também social. A literatura, a arte, o acesso à expressividade do ser humano, conjuntamente leva a esse caminho de reestruturação do que fizeram com ele e do que foi feito dele, por justamente poder-se imaginar em outros contextos, outros lugares, com outras condições. Em outros termos, o real, tal como um arranjo criado que permeia o simbólico e o imaginário vivido, é sujeito, assim como o inconsciente, à contínua reinvenção, como afirma Silva

(2023). Reexistir através da arte, da narrativa, é um meio de se armar de uma percepção que supere os limites, a falta de instrumentos de liberação, de um espaço social em que o sujeito está diminuído. É poder se restituir e se apoderar das ferramentas de autonomia, resistência e independência que lhe foram retiradas.

Partindo de tais considerações, pretendo analisar este romance no qual esses aspectos da relação entre a psicanálise e literatura recebem uma ocasião fértil e interessante para pensar dialeticamente entre os conceitos que explicam estruturalmente o homem e o meio social em que está inserido. Tendo como objetivo principal desenvolver um exercício reflexivo de articulação entre os vários elementos que sustentam a leitura das ações, comportamentos e suas consequências para a personagem e explorando as funções do que está sendo narrado pela autora e seus impactos na concepção da subjetivação do sujeito colonizado e suas mudanças.

Capítulo 1 - A autora e a obra

Entendendo essa relação estruturante entre a Psicanálise e Literatura, é perceptível a relevância de se estudar uma autora como Octavia E. Butler, como mulher negra e vinda de uma vivência periférica, em muito lhe foi atravessada sua vivência de situações que contribuíram para as discussões que aborda em seus romances. Octavia Estelle Butler, nascida em 1947, na Califórnia, Estados Unidos da América, desejou desde sua infância a profissão de escritora para si, por mais que seus cuidadores a orientassem para que almejasse algo mais rentável e seguro. Contudo, persistente e insistente acima de tudo, a escritora norte-americana obteve destaque em um gênero literário predominantemente branco e masculino, justamente pela sua destreza com escrita direta, objetiva e sua capacidade de inovação nas novas narrativas possíveis do gênero (Melo, 2022), vindo posteriormente a ser reconhecida como a “Grande Dama da ficção científica”, uma das maiores escritoras do gênero e também de sua geração.

O romance *Kindred: Laços de Sangue* foi publicado originalmente em 1979, chegando no Brasil, pela editora Morro Branco em 2017, sendo o primeiro dos escritos de Octavia E. Butler publicado em solo nacional. Esse fato nos permite refletir sobre a demora de cerca de quarenta anos para a autora começar a ser traduzida aqui, sendo ela um indicativo de como as obras de gêneros especulativos (fantasia, ficção científica e horror sobrenatural) produzidas

por mulheres, sobretudo mulheres negras, são negligenciadas (Souza, 2020) pelas instituições midiáticas, o que dificulta o acesso a esses trabalhos.

Essa falta se torna ainda mais gritante no caso de Butler. Como Melo, 2022, afirma, a autora é inquestionavelmente relevante e premiada, tendo sido laureada com os mais consagrados prêmios da área, tais como os prêmios *Hugo*, *Nebula*, *Locus*, e sendo ela a primeira escritora de ficção científica a receber o *MacArthur “genius” Award*. O que torna esses feitos ainda mais impressionantes, é o fato de que Octavia E. Butler era neurodivergente, diagnosticada com dislexia, o que trouxe muitas dificuldades durante toda sua vida acadêmica no aprendizado do inglês e em refinar sua escrita (Canavan, 2016). Octavia E. Butler publicou em vida oficialmente doze romances, sete contos e três ensaios, sendo eles: a série *O Padronista*; a trilogia *Xenogênese*; a duologia *Sementes da Terra*; dois romances avulsos, *Kindred* e *Fledgling*; e a coleção de contos, *Filhos de Sangue e Outras Histórias*. Postumamente outros dois contos foram finalizados e publicados em *Unexpected Stories* (ainda não traduzidos no Brasil).

“Comecei a escrever sobre poder, porque era algo que eu tinha muito pouco.” Esta citação é a abertura que Butler utiliza em *Kindred - Laços de Sangue* (Butler, 2017), frase essa que denuncia as percepções que Octavia possuía do meio em que estava inserida socialmente e pelas obras que consumiu em toda sua vida que vieram a influenciar diretamente a sua literatura. Como nos elucida Canavan (2016) sobre essa relação de poder percebida por Butler:

Para a maioria dos autores de ficção científica que Butler leu na infância, a ideia de voltar no tempo era vista como uma brincadeira, um momento para especular sobre a história e/ou livre arbítrio, ou um quebra-cabeça com os paradoxos de causa e consequência e, por vezes, até mesmo uma oportunidade de usarem a viagem no tempo como “exercício de poder”, em momentos em que a supremacia do homem branco era “inquestionável e absoluta” (p.55).

Utilizar-se desses artifícios narrativos para essas mulheres não-brancas não simbolizava o mesmo que para esses homens, visto que “o passado nunca foi um campo aberto para aventuras, mas um pesadelo de onde elas mal conseguiram escapar” (Canavan, p.55). Para essas mulheres e outras pessoas marginalizadas, o passado é o pior comparativo possível, mesmo diante de um presente longe de ser ideal para a sua existência, o passado consegue trazer medos e sofrimentos ainda piores. “Voltar no tempo em um corpo negro e feminino (ou em um corpo gay, transgênero, deficiente, etc...) é se colocar em extremo perigo, arriscar ficar presa e nunca encontrar o caminho de volta” (Canavan, p. 55).

A escolha de Octavia de utilizar a ficção científica como meio de se dizer o que se pretendia demonstrar sua habilidade de abrir uma fenda em nossa imaginação possibilitando trabalhar as problemáticas do corpo, da raça, do gênero e do poder de maneira ilustrativa e direta, causando estranheza e questionamentos, sobre esses atravessamentos temáticos da humanidade. Butler afirmou em uma entrevista de 2006 que se sentia atraída por ficção científica por ser muito abrangente: “Eu era capaz de fazer qualquer coisa, não havia paredes para me cercar e nenhuma condição humana que eu era impedida de examinar.” (Canavan, p.23).

Além disso, Butler se apropriou das narrativas possíveis da ficção científica para escapar das opressões de raça e gênero a que era submetida, mas não gostava de ter seus escritos reduzidos apenas às pautas sociais, ignorando a arte e a graça da literatura por si mesma, como revela Canavan, (2016, p. 32) “Muitos críticos entenderam *Filhos de Sangue* como uma história sobre escravidão, provavelmente só porque sou negra [...] Os únicos momentos em que eu estou escrevendo sobre escravidão são aqueles em que eu realmente afirmo isso.”

Butler aborda em suas obras raça e classe como temas principais e eixos norteadores para as tramas complexas que desenvolve colocando tais temas como fatores que permeiam a história de suas personagens femininas, mas também ressaltando os sofrimentos das desilusões do cotidiano. No epílogo de *Childfinder*, Octavia escreve “depois de alguns anos observando a espécie humana fazer coisas desnecessariamente difíceis para si mesma, tenho pouca esperança de que ela faça algo além de sobreviver e continuar seu ciclo de erros” (Butler, 2014). Acrescentando assim um tom de pessimismo com relação à sociedade, como também adiciona uma ramificação aos seus temas centrais, pois para além de abordar sobre a raça, Butler, fala conjuntamente sobre a “[...] persistência da raça e do racismo (mesmo em comunidades futuristas)[...]” (Melo, 2022), em outras palavras: a permanência do ódio a uma minoria pela diferença étnica e cultural como estrutura social.

Outro traço na escrita de Octavia que é relevante para pensarmos em sua consistente contribuição literária está nas características do afrofuturismo captadas em suas obras. Freitas & Messias (2018) apontam que a conceitualização da expressão do movimento afrofuturista toma forma através de Mark Dery, apenas em 1990, ao dizer que o afrofuturismo é caracterizado “pelas criações artísticas que exploram futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção especulativa”.

O movimento cultural do afrofuturismo se alastra pelas artes e toma forma de resistência diante da histórica desumanização do povo negro, mas também de potencialidade de vida. Ao contrário do pensamento comum (eurocêntrico) ao imaginar o fim do mundo que conhecemos como um sofrimento angustiante, aterrador de um futuro longínquo, o afrofuturismo nos leva por um caminho muito mais interessante, uma criação distópica dos dias atuais, do presente (Freitas, & Messias, 2018).

Contando com a experiência de seus ancestrais de terem sido raptados de sua terra e levados a uma concepção social que retira sua posição de humano, a mitopoética afrofuturista apresenta uma interessante metáfora entre colonialismo e o apocalipse. Segundo Waldson Souza (2019), “o fim do mundo, para a população negra, veio séculos atrás quando a primeira nave alienígena chegou ao continente africano. Pessoas negras foram abduzidas por estranhos, levadas em navios enormes para terras desconhecidas”. Os sobreviventes dessa abdução colonialista foram privados de sua narrativa, desenraizados de sua cultura. Objetificados socialmente, ou seja, socialmente mortos e externos à dialética do Eu e do Outro. Como nos trazem Freitas, & Messias, (2018), a existência do escravo é delimitada primordialmente não pela alienação e exploração, significantes de sofrimento social, isto é, qualidades de humanidade, mas pela característica em que a “coisificação” transforma o sujeito: em algo que pode ser acumulado, trocado, vendido, por sua fungibilidade. Não é uma relação de trabalho, mas uma relação de propriedade. “O escravo está de início e sempre socialmente morto” (Ibidem, p. 12).

Segundos os autores, as obras que seguem dentro do conceito do afrofuturismo têm três objetivos principais: primeiramente querem narrar boas histórias de ficção científica; mas também estão interessadas em recuperar importantes histórias negras perdidas ou negligenciadas trazendo-as para nosso presente; e, por fim, esses artistas pensam e fazem pensar sobre como essas narrativas podem inspirar novas possibilidades de viver no amanhã (Freitas, & Messias, 2018).

Sendo exatamente esse último objetivo que nos permite fazer uma análise, em *Kindred: Laços de Sangue*, sobre a maneira como Butler ao trazer para a imaginação - e portanto também para a lembrança -, tamanhos sofrimentos da história e da existência humanas, nos leva a um local de reflexão sobre os meios encontrados por essas personagens de subsistir mesmo diante de tamanha dor.

A obra *Kindred*, publicada no Brasil como *Kindred: Laços de Sangue*, é inegavelmente seu maior sucesso. E é nesta história que Octavia nos apresenta Edana, uma

mulher negra de 26 anos, escritora na década de 70 na Califórnia, que se vê subitamente viajando pelo tempo até o século XIX, especificamente em 1815 em Maryland, Estados Unidos.

Butler relaciona as duas épocas e locais geográficos distintos, que entram em contato e dialogam por meio da protagonista Dana, que ao ser chamada ao passado pela primeira vez se percebe no sul dos Estados Unidos, conhecidamente uma região de forte colocação escravagista, justamente alguns anos antes da Guerra Civil Norte-Americana (1861-1865), conhecida também como a Guerra da Secessão motivada essencialmente pela busca do fim da escravidão e direitos iguais, (Oliveira, & Abreu, 2019).

Edana tinha acabado de se mudar com seu marido, Kevin, um homem branco, quando ao ser chamada pela primeira vez ao passado sente tontura, náusea, sua vista fica turva e seu presente vai sumindo diante de seus olhos, enquanto repentinamente um lugar completamente novo e estranho se forma perante ela, um local arborizado, à beira de um rio e o que a tira do estupor da situação absurda que está vivenciando é perceber que um menino se afogava. Rufus Weylin, esse é o nome do menino que Dana consegue salvar e ao retornar a margem com a criança em seus braços. A única recepção que percebe além da mãe do garoto chorando é o rifle do pai de Rufus, Tom Weylin, apontado para seu rosto. Edana é levada de volta para sua casa tão inesperadamente quanto tinha sido tirada.

Essa foi sua primeira experiência com a viagem no tempo. Os personagens não possuem compreensão do porquê e nem mesmo de como essas viagens acontecem, mas a cada vez que Rufus está em perigo iminente de morrer, Dana, que descobre posteriormente ser sua descendente, é chamada ao passado a fim de salvá-lo - muitas vezes de si próprio. Contra sua vontade e sem aviso prévio, Dana se vê num local de responsabilidade e cuidado de um menino branco, filho de um fazendeiro escravista, colocando em tensionamento seu modo de vida advindo de um lugar no espaço-tempo onde muitos (porém não todos, e nem completamente assegurados) de seus direitos já estão garantidos, como o direito à liberdade e sua autonomia.

Edana, ao ser chamada novamente ao passado, conhece sua antepassada Alice que deverá gerar um filho com Rufus, para que ela, Dana, possa nascer. E nesta viagem a protagonista presencia a recaptura de um homem escravizado e a violência brutal de que ele é acometido. Edana é também pega e passa pela violência física e tentativa de estupro, ela se vê numa posição na qual, pela primeira vez para se proteger e garantir sua integridade, teria que ferir outro ser humano e nesta ocasião não conseguiu. Se sentiu inferior, “idiota”, como ela

mesma descreve, não consegue responder a altura do que o momento pede e Edana percebe ali um limite do que era capaz de suportar mantendo sua capacidade psíquica de se defender resilientemente a esses abusos.

A personagem é forçada a lidar diante desta nova conjuntura com complexas relações de poder que vão ferir diretamente seus direitos inalienáveis mais básicos e forçá-la a se adaptar para sobreviver, suportando esse fardo e as demais violências a que essa situação a expõe. Sendo a escritora uma mulher que já conhecia pela história os horrores a que o povo negro escravizado foi submetido, tendo consciência das feridas psíquicas profundas que esse tempo gerou na população negra, é levada a literalmente vivenciar esse período e o que gera um intenso choque na subjetividade da personagem e em suas relações mais íntimas. Diante desse contexto “[...] cabe a Dana do presente resgatar a Dana que vive agora em seu próprio passado” conforme ressaltam Pinto & Ramos, (2018).

Canavan (2016) afirma que o uso da viagem no tempo, algo muito recorrente na ficção científica, é um artifício para marcar um entrelaçamento entre o passado e o presente. Edana existe e vive “depois da escravidão e apesar da escravidão, mas também por causa da escravidão, uma posição moral perigosa que a força a fazer escolhas desagradáveis de forma a preservar as circunstâncias de seu próprio nascimento” (Canavan, 2016, p. 55). E a relevância de se utilizar essa ferramenta narrativa é justamente por colocá-la diante da realidade dos fatos, experienciando-os, o que a transforma profunda e radicalmente, algo que apenas pela memória de histórias de seus antepassados não seria possível: “Está vendo como as pessoas são escravizadas com facilidade?” (Butler, 2017, p. 283).

Essa tomada de consciência vem à personagem um momento após ter sido espancada por Tom Weylin e ter sido cuidada tanto por Rufus quanto pelas mulheres da casa, que ela mesma tinha cuidado das feridas anteriormente. Dana estava sendo atormentada pelos seus pensamentos, pelo medo de ter que passar pela dor das chicotadas e murros novamente, pela certeza que o desejo de se ver livre não diminuiria, mas o terror da violência a paralisava: “Por que eu continuava sendo escrava de um homem que retribuía por eu ter salvado sua vida quase me matando? Por que eu tinha apanhado de novo? E por quê... por que estava assustada agora, muito assustada, pensando que, mais cedo ou mais tarde, teria que fugir de novo?” (Butler, 2017, p. 283). Sendo, portanto, atravessada por essa percepção da sua submissão, Edana compreende as amarras psicológicas da escravidão.

Não eram somente recursos físicos ou mesmo a falta de coragem que os mantinham ali, mas todo o aparato de violência que as relações na escravidão evocam. A relação entre

Dana e Rufus é marcada pela sujeição e dominância. Rufus, que tem poder sobre Dana, está neste lugar do Outro enquanto opressor, como o Outro de quem depende para não encarar o desamparo de sua própria existência, já que Dana precisa assegurar sua sobrevivência para garantir a continuidade de sua linhagem. Sendo ela forçada a se submeter a essas dinâmicas cruéis que ilustram a sujeição psíquica que inconscientemente exerce controle sobre o sujeito. Constituindo esse conflito interno na luta entre o desejo de autonomia e a sujeição imposta pelo outro.

A estrutura da escravidão forçava esse povo ao silêncio sobre sua própria história, tanto sobre relatar o que lhes aconteceu quanto de seus meios de resistência, e Edana vem justamente tomando esse lugar historicamente negado. Edana conta tanto sua história quanto a história do povo negro americano. Ela tem consciência do peso social desse lugar imposto, e “[...] revela seu desespero diante do que vivencia e, também, a necessidade que tem de se adaptar ao “papel de escrava”, como dizem Oliveira, & Abreu, (2019), e que é exemplificado pelo trecho:

“Olha, seus antepassados sobreviveram àquela época, sobreviveram com menos vantagens do que você tem. Você não é inferior a eles.

- De certo modo, sou.
- De que modo?
- Na força. Na resistência. Para sobreviver, meus antepassados tinham que enfrentar mais do que eu conseguiria. Muito mais. (...)” (Butler, 2017, pp.81-82).

Essa tomada de consciência, da sua relação de sangue com Rufus Weylin e de como sua própria existência estava duplamente atravessada - no presente para que pudesse nascer, e no passado pela possibilidade da morte vinda dos capatazes e da família Weylin se resistisse à escravidão - pela sua relação com esse menino, a fez tomar escolhas para sobreviver a esse tempo:

Era por isso que eu estava aqui? Não apenas para garantir a sobrevivência de um menininho que sempre estava em perigo, mas também para garantir a sobrevivência de minha família, meu próprio nascimento? (...) Eu tomei cuidado. Conforme os dias se passavam, eu criei o hábito de tomar cuidado. Fiz o papel de escrava, prestava atenção a meus modos provavelmente mais do que precisava, pois não tinha certeza do que podia fazer sem ser punida. Pelo que percebi, não podia fazer muito. (...) E o silêncio, de qualquer modo, parecia mais seguro. (Butler, 2017, pp.47-148-66).

Seguindo, portanto, essa lógica de tentar se proteger evitando maiores violências, a personagem vai criando vínculos afetivos com os outros personagens desta época, com Rufus, mas principalmente com o povo negro escravizado da fazenda Weylin. Aprendendo a viver nessas condições e se fortalecendo com esses afetos. Porém, há um traço importante para a compreensão da trama que Edana traz para o leitor com frequência sobre seu limite subjetivo

de suportar a dor dessa existência contida, cerceada, atravessada por abusos, que é delimitada pela violação sexual do estupro, ou seja, Dana sente que consegue e luta bravamente para enfrentar as mais diversas situações violadoras a que é acometida, contanto que essas violações não entrem no âmbito sexual, e esse limite se estende principalmente a Rufus Weylin. A criança que, para a manutenção de sua linhagem, Edana protege, cuida e vê crescer, se torna um homem, acaba por desenvolver sentimentos confusos de amá-lo, ao mesmo tempo que com o passar dos acontecimentos vem a odiá-lo, pela dor que ele e seu pai infligem aos serventes da casa e a ela.

Edana acompanha de perto a tentativa de fuga de alguns escravizados e vê a brutalidade com a qual são abatidos e trazidos forçadamente para a fazenda, ouve as histórias de manipulação emocional e terror psicológico ao qual as famílias que ali se formam são submetidas para o controle dessa comunidade, para que não haja rebeldes. Ela se sensibiliza e compreende como as múltiplas formas de resistir nessa época visam principalmente a suportar o insuportável. Nesse momento, a protagonista se liga principalmente a Alice, sua antepassada que é interesse amoroso-sexual de Rufus Weylin, e também a Sarah, a mulher responsável pela cozinha da casa grande.

Após vivenciar o desespero de se ver escrava e a possibilidade de viver assim para sempre se não encontrasse um meio de voltar para seu tempo, Dana foge pela primeira vez e é apanhada, em sequência vem seu primeiro açoite. Edana experimenta na pele o desejo de matar seu violador pela primeira vez, em conjunto com esse desejo de ferir o outro vem o desejo de que o ferimento que está sendo causado a mate; findando o sofrimento. Nesse ponto, Dana volta ao seu presente, percebendo então que quando ela está em perigo de morte iminente, ela é capaz de voltar para sua casa e vê nessa dinâmica a quase morte como uma saída, uma oportunidade de não ficar mais no terror do passado escravagista.

Essa perspectiva de utilizar sua morte como um meio de se proteger do sofrimento intenso que é a realidade no passado toma contornos mais sombrios quando Dana passa a idealizar no suicídio o ponto final do que ela pode suportar ou não. Quem realmente tem domínio, poder, sobre seu corpo, seu psíquico-emocional, recursos e vitalidade no fim é ela e mais ninguém, não há mais nada que poderiam lhe tirar. Essa concepção se apresenta quando, ao não suportar a dor da existência que ser continuamente ferida por Rufus lhe causa - a retirada de autonomia, a perda de poder e liberdade-, Dana vê na morte uma maneira de escapar.

Essa ideação e esse desejo de morte são apresentados também por Alice, ao ser capturada da tentativa de fuga, e por Sarah ao ter seus filhos vendidos e separados dela. Mas no momento em que essas mulheres, principalmente Alice, se veem frágeis e vulneráveis, desesperançosas e desejando a morte para o fim de seu sofrimento, o cuidado e zelo dessa comunidade - principalmente de Edana, trazem vida e sentido para essas mulheres. Quando o desejo pela vida falha, e os meios de se imaginar saídas e a resiliência individual perdem força, a manutenção da vida se dá pelos afetos e laços sociais.

A importância desses vínculos para o enfrentamento dessa dolorosa realidade é mais uma vez expressa quando, ao final da obra, Rufus, depois de objetificar tanto as duas mulheres -Alice e Dana-, não respeitando seus limites subjetivos, vê Alice desmoronar emocionalmente ao saber que seus filhos seriam retirados dela, esta separação abrupta a angustia de tal modo que Alice vem a cometer suicídio. Rufus tenta ainda assim controlar e conter Edana afetivamente, tomando-a para si. A personagem, nesta cena, passa por um debate em seus pensamentos a respeito do que deveria ou não fazer diante da investida violenta de Rufus. Dana de imediato tenta se convencer a compreender a ferida emocional de Rufus por ter perdido Alice, tentando minimizar a violência que estava sofrendo pela tentativa de estupro:

Nunca me senti tão sozinho em minha vida - disse ele. As palavras me tocaram como nenhuma outra poderia tocar. Eu entendia de solidão... e lentamente percebi como seria fácil para mim ficar parada e perdoá-lo por isso. Muito fácil, apesar de tudo o que eu dizia, mas seria muito difícil levantar a faca, enfiá-la na carne que tantas vezes eu havia salvado, tão difícil matar... Ele não estava me machucando, não me machucaria se eu permanecesse como estava. Ele não era seu pai, velho e feio, violento e nojento. Ele cheirava a sabão, como se tivesse se lavado recentemente. Para mim? Os cabelos ruivos estavam muito bem penteados e um pouco úmidos. Eu nunca seria para ele o que Tess tinha sido para seu pai, um objeto passado como o cantil de uísque. Ele não faria aquilo, como nem me venderia...

(Butler, 2017 p.416).

Contudo, as lembranças dos sofrimentos que as mulheres escravizadas pela família Weylin enfrentaram nestas relações abusivas de controle, toda a humilhação, subjugação e desumanização que lhes atravessou viver nessa época e a mudança que isto acarretou nela, a levam a tomar consciência de que não conseguiria relativizar seu próprio limite e Dana consegue então ter forças para se defender:

Uma escrava era uma escrava. Qualquer coisa poderia ser feita com ela. E Rufus era Rufus, errático, dividindo-se entre o generoso e cruel. Eu podia aceitá-lo como meu ancestral, como meu irmão mais novo, meu amigo, mas não como meu senhor e não como meu amante. Ele já tinha entendido isso uma vez. (Butler, 2017 p.416).

Edana encontra uma faca e apunhala fatalmente Rufus, sendo levada definitivamente de volta para sua época.

A obra *Kindred: Laços de Sangue* expressa em diversas camadas os aspectos do funcionamento do inconsciente e o impacto dos traumas históricos e pessoais. As experiências de Dana ora no passado, ora no presente, criam uma narrativa metafórica que ressoa alguns princípios da psicanálise, como a culpabilização que o sujeito sente nas relações sociais em que depende de um alguém e se percebe violado por esse outro. O trauma de Edana é ao mesmo tempo pessoal e coletivo, nos impelindo a entrar em contato com o conceito freudiano de "mal-estar na civilização", onde as pressões sociais e históricas levam à divisão interna, alienante do sujeito.

Capítulo 2 - A culpa, o mal estar na civilização e o suicídio

Freud abre o texto *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921, p.10) afirmando que “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social”, pois ao seu ver a psicologia da massa é a mais velha psicologia humana. Freud trabalhou sempre “costurando” as suas elaborações da clínica, com a metapsicologia e seus estudos sobre a sociedade, não pretendendo reduzi-las a sinônimos infecundos ou mesmo opondo o individual ao social, mas sim ilustrando como os mesmos impulsos instintuais encontrados no indivíduo, são também percebidos nas massas.

Essas pulsões que estruturam as relações individuais e sociais são denominadas pelo autor de Eros, esse que se refere aos impulsos libidinais de amor, categorizados nele os instintos de união, conservação e manutenção da vida; também há no âmago do ser humano a pulsão Thanatos, reservado a este os impulsos de destruição, agressividade e morte. O autor revela no texto “Por que a guerra?” (1932), que nessas pulsões fundamentais e iguais a todos os homens buscam em sua finalidade “a satisfação de certas necessidades originais”, levando a existir uma tensão também entre as pulsões.

Partindo, portanto, deste pressuposto da satisfação das necessidades instintuais dos sujeitos, Freud continua discorrendo sobre a questão do que mantém uma comunidade, povo, e especialmente o que ele chama de civilização, coesos e unidos, considerando a agressividade e violência que permeia o comportamento humano, Sigmund reconhece com

palavras diretas o lado destrutivo e violento da humanidade em *O Mal-estar na Civilização* (2010) ao dizer:

“O ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode se defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo”. (p.49)

Vemos ambos os impulsos, o erótico e o agressivo, formando o aparelho psíquico através da teoria do complexo de Édipo. Em que a criança superando a sua inclinação narcísica primária de satisfação desloca a libido ao primeiro objeto de desejo, sua mãe. Porém, quando é negada essa satisfação, pela primeira vez tem de lidar com a manutenção do impulso agressivo diante daquele que o impede de se satisfazer, o pai, surgindo assim o sentimento de culpa no sujeito, que é reprimido e internalizado no aparelho psíquico aparecendo ante a formação do Supereu. Freud deixa clara a importância do supereu no aparelho psíquico ao defini-lo como fundador da consciência moral, e o sentimento de culpa seu precursor na formação da psique, o supereu se institui da responsabilidade primordial das normas morais, culturais e de recalçamento as pulsões que coloquem em cheque as vantagens advindas de se submeter às relações com os outros.

Nesse âmbito, Moreira (2005) afirma: “O reconhecimento do outro como fundamental na minha constituição psíquica e na garantia da vida [...] une o eu e o outro”. Em síntese, perceber a necessidade do Outro em nossa constituição e para que a vida seja possível, nos coloca num lugar de desamparo em que notar a falta que o Outro faz nos torna vulneráveis.

Distinguir o limite entre o que é o Eu e o que é o Outro, é algo de difícil feito como vemos em Freud. O que é possível ser entendido pelo sujeito é que temos uma dívida com esse que nos auxilia a existir. Isso deixa-nos evidente que o único limitador ao amor narcísico primário, o amor a si, é demarcado pelo amor ao outro, num amor ao objeto. De acordo com Moreira (2005) o sujeito sente-se culpado por desejar agredir aquele que no enlaçamento social suporta com ele o desamparo, e por essa relação necessária e conflituosa se mantém o tensionamento.

A culpa no sujeito, segundo Freud, não vem de um lugar de reconhecimento do que o que se fez é mau - por sua agressividade, mas sim de que a consequência de satisfazer essas pulsões é que nos coloca a beira de perder o que é caro e valioso ao sujeito: perder o amor do objeto e a proteção que este Outro nos fornece com relação aos maiores sofrimentos que

recaem sobre o ser humano. Freud, em *O mal-estar na civilização* (2010), nos elucida sobre as três fontes de sofrimento humano, que são o próprio corpo, o mundo externo, e as relações com os outros seres humanos. E é em busca de se proteger das intempéries e declínios inevitáveis que o sujeito se vê ligado aos demais, de maneira vantajosa.

Juntamente com a renúncia ao prazer sexual, nossa aptidão para a agressão é o fator que mais perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a um grande custo de energia para reprimi-la -vide as leis religiosas e sociais, para conter o ímpeto violento dos homens. No texto *Considerações atuais sobre guerra e morte* (1915), Freud pontua o mandamento “Não matarás” como sendo mais uma certeza do desejo pela morte advinda de gerações e gerações da espécie humana e reitera “pois o amor não pode ser muito mais novo que o prazer em matar” (p.175).

Desta maneira, podemos identificar que a culpa é a expressão da tensão entre essas duas pulsões que levam a civilização humana a estar em constante conflito quando se vive em comunidade, e o sujeito pela internalização e refreamento dessas pulsões constantemente sente-se violado pela incessante insatisfação. Freud pontua isso ao dizer que “o homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança.” (p.52). A incompatibilidade irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização para a existência em sociedade traz o sentimento inconsciente de culpa e nele se sustenta o principal fator do mal-estar da civilização.

Podemos perceber esse refreamento tão intenso das pulsões agressivas, que até mesmo um comportamento agressivo do sujeito, num contexto de autopreservação, exige muita força libidinal para romper as barreiras que o contêm. Podemos ver isso claramente quando Dana se sentiu inferior, “idiota”, como ela mesma descreve, por não conseguir reagir à primeira situação de violência que vivenciou no passado, com igual violência. Esse momento se dá quando a personagem é encontrada por um capataz que está espancando o avô de Alice, sua antecessora, e tenta estuprar Dana.

Mais para frente ao discorrer da narrativa o fator do abuso sexual é levantado nos diálogos que a personagem tem consigo mesma, reconhecendo nesta violência em específico era algo tão grotesco contra seu eu que sabia em seu âmago que não suportaria passar, no entanto a constatação inconsciente do limiar que seu ideal do eu e o eu suportam ainda não era o suficiente para que sua resposta imediata fosse violenta com outro ser humano. Aqui, retomando um dos conceitos anteriores apresentados por Caniato (2008), a agressividade que

a poderia proteger, como legítima defesa, não consegue romper a barreira constituída pelo que uma sociedade racista e machista exige de sua participação e submissão a essa cultura.

A personagem neste ponto faz uma revelação aos olhos do leitor: Edana não nasceu escrava, não está condicionada e nem mesmo reconhece neste momento que essa é sua realidade, mas mesmo sendo de outra época as feridas e raízes deste tempo macabro de desumanização do povo negro ainda a contaminam o meio social de 1976, ano de sua narrativa, e o vemos ainda hoje. A autora Octavia nos traz essa reflexão sobre o quanto a escravidão é um trauma geracional e seus impactos sociais e psicológicos atravessam os sujeitos quando diz através de Dana:

“Me incomodava a facilidade com que aparentemente nos adaptamos. Não que eu quisesse que tivéssemos problemas, mas parecia que deveríamos ter tido mais dificuldade para nos ajustar aquela parte da história em especial, nos ajustar a nossas posições na casa de um dono de escravos” (p.106).

Ser forçado a participar deste arranjo social tem um custo muito alto, que beira ao impossível. O colonizador exige uma abdicação dos colonizados, que os fragmenta, os “coisifica” de tal modo que o para o aparelho psíquico do sujeito reprimir seus rompantes de violência e lidar com a perda dos laços sociais, seus objetos de amor, exige uma readequação da economia libidinal de uma força quase que hercúlea.

Edana lida com a desumanização que sofre criando estratégias possíveis, se mantendo distante emocionalmente da maior parte dos cativos sabendo que as pessoas a quem ama, como seu esposo Kevin, estão protegidas e isso significa um certo grau de proteção a ela também, lembrando-nos da relação simbiótica do Eu e o Outro. Se o outro a quem o sujeito ama e conseqüentemente está ligado libidinalmente está vivo e bem, então o Eu está protegido do medo do desamparo psíquico, do perigo da perda do objeto que resultaria em mais dor pela perda tanto dos recursos físicos de sobrevivência quanto emocionais, da manutenção de si e de parte de si que é a identificação. Ou seja, manter a quem se ama bem e protegido é em parte manter a si mesmo.

E em meio a essas relações com o Outro, Edana tem de lidar com o distanciamento de si mesma também. A noção do Ideal do Eu em tensão com o Eu nos auxilia a entender esse sentimento de desconexão que o sujeito contido de suas vontades apresenta. Freud reforça no texto *Psicologia das Massas* que o Ideal do Eu contém todas as restrições das quais o Eu deve se curvar, e justamente por isso, quando há uma retração dessa força e uma liberação de ação do Eu, ele então pode voltar a sentir-se feliz consigo mesmo. Butler deixa esse conflito as

claras para nós quando Edana se vê se distanciando tanto de suas vontades de libertação ao decorrer das violências que sofre, tanto quanto da noção de quem se é simbolizando a capacidade de dar satisfação às suas pulsões:

“Precisava estar só [...] uma vez só, Deus sabia há quanto tempo, eu temi estar me separando muito de mim mesma [...] agora não havia distância nenhuma... quando eu havia parado de fingir? por que eu havia parado? [...] mas por um momento queria ser dona de mim antes que me esquecesse como era ser dona de mim.”. (p.353)

Renunciar a seus desejos pulsionais em prol de sua sobrevivência e evitar a dor do embate eram atitude que a mantinham nesse lugar de "não sou mais eu", "me perdi de mim mesma", uma ilustração de como poder satisfazer - ou também poder escolher não satisfazer-seus profundos desejos, definem subjetivamente nossa ideia de identidade pessoal e social, e como a escravidão descaracteriza o sujeito para si mesmo, castrando-o.

Seguindo nesse desenvolvimento da personagem, podemos ver surgindo nela a ideia suicida, “Naquele momento, quase quis morrer. Qualquer coisa que me tirasse da dor. Vomitei.” (173), e não esconde isso de seu parceiro, tamanha dor emocional que Dana está sendo atravessada:

- Não, não sei - disse ele, irritado. - Você está tendo ideias que podem ser suicidas, se não tomar cuidado.
- Ah, mas estou falando sobre suicídio, Kevin, suicídio ou coisa pior. Por exemplo, eu teria usado sua faca contra aquele capataz ontem se estivesse com ela. Eu o teria matado. Isso teria acabado com o perigo imediato a mim e eu provavelmente não teria voltado para casa. Mas se os amigos daquele capataz tivessem me pegado, teriam me matado. E se não tivessem me pegado, provavelmente teriam ido atrás da mãe de Alice. Eles... eles devem ter feito isso, de qualquer modo, Então, ou eu teria morrido ou eu teria feito outra pessoa inocente morrer.” (p. 82)

É extremamente relevante a compreensão de que o desejo suicida não vem da perspectiva melancólica da perda de um amor externo a ela e no conflito libidinal que acontece no ímpeto de se desligar, como enfatizado em primeiro momento por Freud no texto *Luto e Melancolia* (1917, p.140) “na melancolia travam-se inúmeras batalhas em torno do objeto, nas quais ódio e amor lutam entre si, um para desligar a libido”, mas na personagem Dana surge como uma resposta ao medo de perder-se de si mesma e de ser capaz de dar fim a uma realidade, utilizar sua morte como um meio de se proteger do sofrimento intenso que é a dura realidade no passado toma contornos mais sombrios quando Dana passa a idealizar no suicídio o ponto final do que ela pode suportar ou não.

Ou seja, aqui trabalhamos com a relação e economia libidinal elaborada por Freud no texto *Luto e Melancolia* (1917). As ligações libidinais de amor ao objeto quando não encontradas em seu exterior voltam-se para o Eu, que por meio da identificação foi capaz de

encontrar parte do objeto amado em si e religar-se nele, porém quando não há uma religação satisfatória ocorre então a partição do Eu e do Ideal do Eu:

“O investimento objetual demonstrou ser pouco resistente, foi cancelado, mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto, e sim recuada para o Eu. Mas lá ela não encontrou uma utilização qualquer: serviu para estabelecer uma identificação do Eu com o objeto abandonado. Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado. Desse modo, a perda do objeto se transformou numa perda do Eu, e o conflito entre o Eu e a pessoa amada, numa cisão entre a crítica do Eu e o Eu modificado pela identificação.” (p.133/134)

O suicídio só é possível, segundo o autor, quando há uma falha nesta religação por meio da cisão entre o Eu e o Ideal do Eu, ao mesmo tempo em que essa libido não pode retornar a ligar-se ao objeto que perdeu real ou afetivamente. Quando isso ocorre na estrutura do aparelho psíquico, o Eu não é capaz de refrear os impulsos agressivos e por não poder atingir o objeto que lhe nega a satisfação erótica de existir plenamente em sociedade, volta-se contra o próprio Eu, conseguindo vencer o impulso de autopreservação, levando ao fim do sujeito, não há mais nada que poderiam lhe tirar. Freud, explicita:

“o Eu pode se matar apenas quando, graças ao retorno do investimento objetual, pode tratar a si mesmo como um objeto, quando é capaz de dirigir contra si a hostilidade que diz respeito a um objeto, e que constitui a reação original do Eu a objetos do mundo externo (ver “Os instintos e seus destinos”). Assim, na regressão da escolha de objeto narcísica o objeto foi eliminado, é verdade, mas demonstrou ser mais poderoso que o próprio Eu.” (p.136)

Octavia E. Butler decide trabalhar esse tema tão delicado e mobilizador, mas extremamente pertinente para evidenciar a profundidade da crueldade do processo de escravidão sobre o sujeito através da personagem Alice. Alice é, na árvore genealógica de Dana, sua antecessora, mãe de sua tataravó, e nesta relação confusa da qual é estabelecida no livro das relações genealógicas, Dana acaba por se aproximar dela e passam a manter certa amizade. Com isso, Octavia utiliza essa relação para demonstrar mudanças profundas em ambas as personagens conforme as violências a que eram submetidas acontecem.

Aqui nos interessa, de modo primordial, saber que Rufus era apaixonado e desejava intensamente Alice, sendo essa paixão violenta fonte de muitos sofrimentos para a personagem, desde estupros a permitir que ela fosse espancada e caçada por cachorros quando tentou fugir da fazenda colonial; porém Alice, por meio dos laços sociais de cuidado da comunidade, e principalmente Dana tem com ela, consegue se manter viva e vivendo.

Esses laços trazem vida e sentido para essas mulheres apresentadas no texto, essencialmente Edana, Alice e Sarah, pois quando o desejo pela vida falha, diante de tamanha

subjugação e os meios de se imaginar saídas deste cenário e a resiliência individual perdem força, a manutenção da vida se dá pelos afetos e laços sociais. Ao mesmo tempo em que é por meio desta relação comunitária e de cuidado que se estabelecem meios de sobreviver aos horrores escravagistas, o limite da própria dor - aqui trabalhado - , é também o limite de doação libidinal que o outro pode oferecer, que pode se ligar aos demais.

Quando se percebe a falta de ligação da libido no objeto externo e a tensão entre pulsão de morte e de vida se faz intensamente presente, o auxílio para o restabelecimento de libido objetal em outras relações se dá no cuidado social e comunitário. Vemos este ponto em diversos momentos de cuidado dos feridos e de proteção velada entre os escravizados da fazenda, mas um em particular se faz notório como é o caso da personagem Sarah, que teve todos seus filhos vendidos pelo seu antigo senhor, mas apenas um lhe foi deixado para que ela não viesse a cometer suicídio por amor e ligação a sua filha e comunidade:

“- Tinha motivo para sentir mais do que raiva. Era incrível que Weylin tivesse vendido seus filhos e ainda a mantivesse como sua cozinheira. Era incrível que ele ainda estivesse vivo.”.
(p.123)

No caso de Alice, o seu limiar de sofrimento no qual acontece a falha na religação libidinal do amor objetal ao eu, e a agressividade ao invés de ser redirecionada ao externo volta-se a si mesma, o retorno da agressividade atinge o eu, culminando no suicídio, acontece quando Alice desmorona emocionalmente ao saber que seus filhos seriam retirados dela, Rufus em um blefe afirma tê-los vendido, pois tinha medo que ela fugisse e esta separação abrupta a angustia de tal modo que Alice vem a cometer suicídio.

É pertinente aqui relembrar uma das belas funções da literatura de expor sentimentos e dores sem que os estejamos vivendo, mas com as quais conseguimos nos conectar emocionalmente, pois nos atravessam no cerne do que é ser humano como é a profunda dor do que é ter de lidar com a perda do objeto amado, da falta, do desamparo. Freud, acuradamente faz alusão ao poema “*Der Asra*”, de Heinrich Heine, do volume *Romanzero* (1851) no texto *Considerações sobre a Guerra e Morte* (1915, p. 172): “Nós nos comportamos como os asra, que *morrem, quando morrem aqueles que amam*” [grifo próprio].

Após a verificação dessa discussão onde o desligamento libidinal produziu o fim da vida, olharemos para a relação conflituosa, ambígua e com muitas perturbações pela qual Dana e Rufus estão ligados. Num primeiro momento Rufus, enquanto criança, não representa grande perigo a Dana e por seu caráter infantil Dana se permite se aproximar afetivamente do

menino, tentando entender sua relação com ele e a função de suas viagens ao passado que pareciam estar ligadas a vida do menino.

Contudo, Rufus não permanece sendo uma criança que poderia vir a ter Dana como uma igual, como a personagem achava que aconteceria. “O garoto estava mesmo crescendo enquanto eu o observava; crescendo porque eu o observava e porque ajudava a mantê-lo seguro.” (p.116). Dana começa a ter consciência e toma a responsabilidade para si de que ela estava mantendo a vida, permitindo a existência de uma pessoa que poderia com altíssima probabilidade ferir outras pessoas e a ela. E ao decorrer da narrativa vemos que isso se concretiza, Rufus vai se brutalizando e demonstrando seu lado mais cruel que não continha seu próprio impulso agressivo, afinal lhe era permitido socialmente que fosse assim. E a relação de Edana e Rufus vai se deteriorando.

Em uma das viagens de Dana ao passado, ela o encontra caído ensanguentado e se vê sozinha, diante deste homem quase morto. Acomete-lhe o pensamento de que ainda precisava dele, tanto para conseguir permanecer em seu tempo quanto para ter alguém que a protegesse, pois enquanto Rufus vivesse ela estaria ligada a esse passado. E Octavia descreve o pensamento da personagem: “Teríamos que aprender a cooperar um com o outro, a nos comprometer um com o outro.” (p.197). Mas a cada ato de violência cometido pelo homem, Dana vai conseguindo se desligar libidinalmente aos poucos e se afastando afetivamente dele.

Vemos que esse conflito afetivo não se tratava unicamente de como Dana se sentia com relação a Rufus, mas também era permeado pela relação de responsabilidade que ela sentia ao saber de cada ato de atrocidade cometido contra aquela comunidade:

“Eu estava começando a me sentir uma traidora-culpada por salvá-lo agora... não sei o que sentir. De algum modo, parece que eu sempre o perdoei pelo que ele faz comigo, não consigo detestá-lo como deveria, até vê-lo fazendo coisas ruins com outras pessoas. Agora entendo porque há pessoas aqui que me acham mais branca que negra.” (p.258)

O ponto de não retorno nesta relação é também o ponto de maior sofrimento de Edana como já pontuado, seu limite do quanto de violência podia suportar deste homem a quem dubiamente amava, fica claro no trecho:

“E eu me importava. Por menos sentido que isso fizesse, eu me importava. Só podia ser isso. Eu o perdoava por tudo o tempo todo[...], mas de algum modo eu não aceitava dele o tipo de agressão que tolerava dos outros. Se um dia ele me estuprasse, seria improvável que um de nós sobrevivesse.”. (p.205)

É relevante para essa discussão da agressividade contida e auto proteção do sujeito a clareza com que Octavia E. Butler delinea para nós o limite da violência suportada, não apenas o ato em si, mas também quem o comete. As outras violências que Dana relata

suportar se davam na manipulação e ameaça dos outros laços afetivos de Dana, Rufus se achava no direito de, por propriedade, dominá-la em seus afetos tanto quanto dominava sua liberdade:

“ – Eu queria manter você aqui. Kevin detesta esse lugar. Ele teria levado você para o norte. - Olhei para ele de novo e me permiti compreender. Era aquele amor destrutivo e cego dele. Ele me amava.” (p.205)

Dana entende que Rufus a ama como algo que ele precisa ter, muito mais como um objeto físico, um objeto que lhe pertence para satisfazê-lo, do que como uma pessoa, uma mulher que o salvou. E isso cria nela sentimentos ambivalente com relação a ele, sentimentos esses que a própria estrutura social da escravidão acaba por produzir. Tem-se uma ligação com um homem que ao mesmo tempo que os auxilia a existir e satisfaz alguns de seus desejos, os coisifica, cerceia e humilha.

“Rufus foi considerado um herói e estranhamente eles pareciam gostar, desdenhar e temer Rufus, tudo ao mesmo tempo. Isso me confundia, porque eu também sentia mesma mistura de sentimentos por ele [...] mas na realidade, a escravidão de qualquer tipo criava relacionamentos estranhos.” (p.368)

Porém, conforme as relações vão se complexificando em acontecimentos, o pai de Rufus vem a óbito e Alice comete suicídio, ele se torna obcecado em manter controle sobre Dana. Onde ia, com quem falava, para quem sorria, não suportando imaginar a possibilidade de que ela o abandonasse. Até que Dana, ao ver Kevin chegando na fazenda colonial para buscá-la e perceber que poderia fazer valer seu desejo de liberdade, Rufus numa crise de ódio e medo -da perda objetal- os ataca, então nota a profunda ligação afetiva-sexual que Rufus sentia por ela: "Eu era Alice, de novo, rejeitando-o", a parca liberdade e autonomia de Dana só era suportada pela satisfação de controle que Rufus exercia sobre ela. Rufus gozava com seu poder tirano sobre o outro, poder sobre seus afetos, desejos e existência.

A retomada de poder sobre si que Dana deseja e busca desesperadamente não pode ser resumida a uma única ação como a fuga da fazenda, mas é na imposição de seus próprios limites, sua resistência, de dar vazão às suas pulsões, de ser quem se é sem mediação violenta do outro. Utilizando o conceito de culpabilização estruturado por Freud (1930), podemos, por fim, conseguir entender como se dá essa subjugação do sujeito diante de uma clara situação de injustiça social tal como é a escravidão. Visto que os sujeitos já socializados e anteriormente participantes da dinâmica do enlaçamento social se reorganizam a fim de enfrentar essa mudança cruel da realidade imposta. E esta reorganização é permeada por uma conflitante relação com a violência internalizada pelo sujeito ao viver em sociedade, mas

também da arbitrariedade de não se ter os benefícios sociais esperados do pacto civilizatório de abrir mão de seus desejos para a manutenção do bem-viver social.

Capítulo 3- A relação com o violador, o duplo mal-estar e a resposta do oprimido

Partindo desses pontos podemos analisar em *Kindred: Laços de Sangue*, tanto as violências internalizadas exigidas socialmente, quanto o conflito interno que Edana enfrenta ao ter que lidar com um novo lugar social que retira sua autonomia, e a força para enfrentar a escravidão. Edana não enfrenta apenas o mal-estar na civilização, o qual todos nós como componentes sociais enfrentamos, mas defronta-se também com o sentimento de injustiça social pelo que esse sistema socioeconômico degradante faz com ela; exigindo da população negra o que não exige da população branca.

Edana sofre do mal-estar inerente a pertencer a uma civilização, mas não é somente isso, Dana ao voltar ao passado se vê colocada em outra constituição social que impõe a ela maior abdição de seus desejos, potencialidades e satisfação, ou seja, por ela ter vindo de uma época livre, de 1976, e tendo participado da sociedade como igual e não como alheia ao pacto civilizatório, Edana, ao ser reduzida a objeto pelo colono, sofre o duplo mal estar na civilização.

Os autores Faustino e Rosa (2023) apresentam o conceito de duplo-mal estar na civilização utilizando-se de uma perspectiva já apresentada por William Edward Burghardt du Bois (2021, apud Faustino e Rosa, 2023) no início do século XX como dupla consciência, que se transforma em maneiras de sofrimento psíquico nem sempre estudadas dentro do campo da saúde mental, neste caso justamente a racialização. Deste modo, o racismo traz para além do mal-estar inerente a estar em sociedade também o mal-estar colonial.

"Sugerimos que o indivíduo vítima do racismo vive como todos os outros o mal-estar da civilização, ao encontrar-se cindido de si mesmo, em uma sociabilidade na qual tanto o desenvolvimento das forças produtivas quanto a individuação contemporânea operam de maneiras entranhadas na ordem do capital. Mas, ao mesmo tempo, lembra-nos Fanon, este indivíduo vê a sua individualidade sistematicamente atravessada pela experiência da racialização, configurando um duplo mal-estar."(p.14)

Não sendo apenas o sentimento de mal-estar que se instaura na insatisfação de exprimir suas pulsões no sujeito, mas também é notável a relação com a justiça social, pois todos os sujeitos têm de negar muito de si mesmo e espera-se essa renúncia de todos os demais indivíduos. Freud diz em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921, p. 64) "Tal exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do sentimento do dever" e tais relações

emocionais de abnegação entre os homens proporcionam dentro do enlaçamento social, a instituição do pacto civilizatório -resguardando aqui as proporções sociológicas e ressaltando a relação entre os seres humanos de escolha mútua de preservação e não-externalização da violência, sendo a violência aceitável e permitida apenas para aqueles que não participam desta aliança.

Freud argumenta que as classes sociais desprivilegiadas, que estão fora do pacto civilizatório, são frequentemente negligenciadas e excessivamente privadas de prazer, o que as leva a buscar formas de libertação da classe dominante, desta maneira, a opressão dessas classes gera sentimentos de hostilidade e insatisfação nos indivíduos. Freud observa no texto *O mal-estar na civilização* que, ao reprimir os impulsos destrutivos dirigidos a si ou ao objeto amado, o sujeito tende a canalizá-los para outros. Esse fenômeno, chamado de narcisismo das pequenas diferenças, é explicado por sua afirmação de que "é sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, desde que existam outras para serem alvos de sua agressividade" (2011, p.51).

As diferentes intensidades de sofrimento na civilização são justamente o elemento que traz um dos pontos fundamentais de Fanon, que ressalta o fato de que o povo negro está em uma suspensão do pacto civilizatório, mesmo envolvido no laço social, estão alheios aos direitos de proteção deste pacto, o que lhes impõe um tratado unilateral. Então, por mais que o sujeito ainda tenha a repressão e refreamento de seus impulsos agressivos, isso não se dá por uma clara percepção de benefícios sociais, na verdade é confuso seu lugar social e justamente nesse desarranjo se faz a exploração do povo colonizado, como dizem Faustino e Rosa (2023), "embora não participe da distribuição dos bens materiais e culturais, os sujeitos devem se submeter passivamente às condições de vida impostas, naturalizando o sofrimento sociopolítico".

O colonizado descrito por Fanon no seu texto *Os condenados da Terra* (2021) não se insere no pacto civilizatório voluntariamente, como parte igual, mas, sim, como objeto inumano e coisificado, sua participação não é algo proposto entre as partes, mas imposto. Essa estrutura racista se faz de imediato violenta quebrando laços sociais dos quais este sujeito participava anteriormente e possuía um local e status de semelhante, ou seja, "este sujeito vê a sua individualidade sistematicamente atravessada pela experiência da racialização" (Faustino e Rosa, 2023).

E essa violência externa gera no sujeito a revolta pela injustiça a que está sendo acometido, porém não pode dar vazão este ímpeto de agressividade por causa da repressão

com a qual o supereu mantém a pulsão de agressividade reprimida, contudo esta tensão não pode ser permanentemente mantida e dela escapa a violência social que se origina do âmago do inconsciente do indivíduo e é direcionada ao externo, como Caniato (2008), pode observar:

Nessas sociedades, há a permissão para que uma minoria possa agredir, enquanto a maioria dos indivíduos é obrigada a conter as suas agressividades, vivendo sob a “mais-repressão”. Há uma proibição para reagir aos agravos sofridos. O indivíduo tem de conter sua agressividade protetora (ligada à preservação da vida) e submeter-se à violência daqueles a quem a sociedade permitiu violentá-lo. (p.18)

Portanto, mesmo quando Edana sofre com diversas violências, reagir de maneira violenta também exige muito do seu Eu, mesmo diante de saber que sua vida estava em risco, a constante subjugação e desumanização contém o impulso erótico de autoproteção que ela poderia ter se sua autoestima e ligação libidinal estivessem sido satisfeitas na proteção do outro. Edana descreve sua morte, não a física, mas sim a subjetiva de sua autonomia, confiança e poder, mesmo que pequeno sobre si:

“Senti o suor de meu rosto se misturando com as lágrimas silenciosas de frustração e ira. Eu já sentia a dor nas costas aumentando pouco a pouco, e a vergonha me tomando pouco a pouco. A escravidão era um processo que matava pouco a pouco.” (p.293)

Deste modo, Fanon (p.53) ao dizer “o colonialismo não é uma máquina de pensar, nem um corpo dotado de razão. É a violência em estado primitivo e não pode submeter-se senão perante uma violência maior” não está incitando violência pelo escravizado como uma finalidade em si, na satisfação da vingança somente, mas sim como o único meio possível do aparelho psíquico do sujeito subjogado de se reestruturar subjetivamente, se rehumanizando. Se permitindo o direito de exprimir-se. O colonialismo provoca tensionando constantemente o sujeito, levando a estrutura psíquica ao limite do que é suportável, sendo assim o espaço imensamente prolífero para as descargas das violências demais.

Entretanto, saber da potencial revolta do oprimido não é o suficiente para forçar o colono a extingui-los, o medo da vingança não sobrepõe os benefícios encontrados pelo homem branco de se apropriar da força do escravizado. Como vemos no processo de dominação, os escravizados sabiam que sua captura não significava morte iminente, não sem antes passar pela barbárie da desumanização. Freud descreve que por mais que matar um inimigo satisfazia uma inclinação instintual, sobrepujar e mantê-lo cativo lhe permitia gozar no controle de recursos valiosos, como serviços úteis e disposição de servos, se conserve sua vida. Ou seja, manter o escravizado vivo, alimentá-lo, vesti-lo, permitir que sobreviva, mas não viva, não é um ato de misericórdia e benevolência, mas um ato de controle “visando manter os corpos objetificados e coisificados em nome do lucro” (Danfá, L.. 2020). A

personagem Dana tem esse objetivo claro para si, fato este que lhe auxilia a definir as estratégias de enfrentamento do que lhe acomete:

“Ah, eles não vão me matar. Só se eu for tonta a ponto de resistir às outras coisas que eles preferirem fazer, como me estuprar, me jogar na prisão por ter fugido e então me vender para quem der o maior lance quando perceberem que meu dono não vai me buscar.” (p.77)

Freud aponta na carta que escreveu a Einstein “Por que a Guerra?” que as pulsões nunca estão isoladas, não existe uma ação da pulsão de vida, sem sua contrapartida na pulsão de morte, e nem mesmo a pulsão de agressividade está destacada da pulsão erótica em sua atuação, que acaba por fazê-la alcançar sua meta de satisfação ou pode modificá-la. “Assim, por exemplo, a pulsão de autoconservação é certamente de natureza erótica, mas necessita dispor da agressividade para fazer valer sua intenção” (p.244). Conseqüentemente, a violência que sai do oprimido e atinge o opressor não pode ser lida de outra maneira que o desejo de se deixar viver, existir resistindo.

A personagem Dana, para conseguir lidar com essas introjeções passa por conflitos internos extenuantes, pois já foi visto o quão exaustivo é para o sujeito, e em especial Edana, dar vazão ao seu impulso de agressividade se sentindo ainda parte do pacto civilizatório. Vemos esses conflitos, quando Dana vê de maneira humanizada o pai de Rufus, não como um Senhor de escravo monstruoso e distante, mas como alguém que é fruto de sua época “O pai dele não era [...] um monstro, de forma alguma. Só um homem comum que às vezes fazia coisas monstruosas.”(p.217), descrevendo a relação de que os homens não são bons ou maus inerentemente, mas que nossa percepção de bondade e maldade é circunstancial.

E, diante destas reflexões que vão munindo Dana de força para lidar com a angústia de ir contra as repressões do Ideal do Eu e do medo da represália exterior, ela vai a cada passo que se sente perdendo de si entendendo que o único meio possível de se proteger é reagindo a essa violência interrompendo-a. “Nunca antes havia sentido uma vontade tão desesperadora de matar outro ser humano.” (p.281), nesta fala elucida-se a primeira vez que Edana experimenta o desejo de matar seu violador, e em conjunto com a vazão desse desejo de ferir o outro, pode-se também assumir o caminho possível para que cesse aquilo que a está ferindo.

Na perspectiva de Fanon, a violência assume uma função emancipadora, constitutiva da subjetividade. Pois, é somente através da contra-violência que o colonizado é capaz de se emancipar. Danfá (2020), afirma que “a luta passa a ser entre assumir o risco e se fazer viver; não assumir o risco e deixar-se morrer, ser subjugado ou perder a humanidade.”, é nesta visão de uma vida não diminuída, reduzida a simples subsistência, mas elevá-la a potencialidade de ação que Octavia descreve seus personagens, e decide através de Dana não perdoar o algoz,

na história dessa mulher o Senhor de escravos não finda sua vida na velhice, há sim vazão para a potência de vida agressiva de Edana.

Dana se depara com um Rufus enlutado, perturbado pelos temores intrínsecos à existência de todo homem, o medo do abandono, da solidão do desamparo a que todos estão sujeitos e decide não se conter, decide que terá em Dana não somente uma amiga -que prende e espanca- ou uma serviçal, Rufus decide que irá se deitar com Dana e satisfazer-se sexualmente. Neste momento a autora repete a cena de violência já há muito declarada como sendo insuportável para a personagem. Mas, ao contrário do que acontece muitas páginas atrás, Dana não é a mesma mulher que fica inerte diante do capataz que tenta estuprá-la, agora está diante de um homem que confusamente ama e odeia e com quem, de maneira velada, tinha um trato de não cruzarem este limite imposto por ela. Mas Rufus em mais um momento de profundo desrespeito a ela, tenta violá-la.

E mesmo aqui, diante dessa grotesca violação Dana quase aceita, quase perdoa Rufus, quase desiste de se defender mais uma vez, dessa vez não porque tinha medo de ferir o outro ou lhe faltava coragem, mas sim por amá-lo. Em *O conto da Aia*, de Atwood (2017), Margaret diz “por favor lembre-se: você nunca será submetido à tentação de sentir que tem de perdoar um homem, como uma mulher. É difícil resistir, creia-me.” (p.127), Edana talvez por sua ligação quase maternal, talvez pelos transpasses de gênero e raça chega muito perto de cometer contra si mesma o que sempre jurou nunca fazer, permitir que um homem a qual não deseja, a tenha.

Fanon descreve a função da violência executada pelo colonizado como uma possibilidade de alívio daquele que está reprimido: “Ao nível dos indivíduos, a violência desintoxica. Alivia o colonizado do seu complexo de inferioridade, das suas atitudes contemplativas ou desesperadas [...] reabilita-o perante os seus próprios olhos.” (p.81). Isto é, a ação violenta não se trata apenas de um sentimento de rejeição do oprimido pelo lugar desprestigiado que ocupa no pacto civilizatório, mas é fundamentada na relação de regressão da libido, que era direcionada ao objeto, ao Eu. Relação essa que permite a desopressão tanto do Eu quanto do Ideal do Eu, findando o tensionamento entre eles e permitindo a descarga conjunta da energia libidinal que agora está satisfazendo a própria regra moral do Ideal do Eu, levando ao alívio, à possibilidade de reagir quando o amor do objeto lhe é negado.

Dana, ao perceber que estava caindo em aceitação, resistentemente se apegou à faca em sua mão e sente a força que desejava para atacar Rufus. Ela o fere, e como afirmou Fanon (2005) “O homem colonizado liberta-se em e pela violência”, e Octavia demonstra isso não

tornando banal ou grotescamente permeada de ressentimento vingativo, mas com o peso da quebra da relação de amor objetal que essa mulher está sofrendo, esmiuçando seu pensamento conflituoso e cheio de temor e vontade:

“As palavras me tocaram como nenhuma outra poderia tocar. Eu entendia de solidão [...] e lentamente percebi como seria fácil para mim ficar parada e perdoá-lo por isso. Muito fácil, apesar de tudo o que eu dizia, mas seria muito difícil levantar a faca, enfiá-la na carne que tantas vezes eu havia salvado, tão difícil matar... Ele não estava me machucando, não me machucaria se eu permanecesse como estava. Ele não era seu pai, velho e feio, violento e nojento. Ele cheirava a sabão, como se tivesse se lavado recentemente. Para mim? Os cabelos ruivos estavam muito bem penteados e um pouco úmidos. Eu nunca seria para ele o que Tess tinha sido para seu pai, um objeto passado como o cantil de uísque. Ele não faria aquilo, como nem me venderia nem... [...]”

Uma escrava era uma escrava. Qualquer coisa poderia ser feita com ela. E Rufus era Rufus, errático, dividindo-se entre o generoso e cruel. Eu podia aceitá-lo como meu ancestral, como meu irmão mais novo, meu amigo, mas não como meu senhor e não como meu amante. Ele já tinha entendido isso uma vez.” (p.416)

E Edana age, age apesar do que dizia para Kevin, para Alice e principalmente para si mesma, seria fácil perdoar Rufus, que ela suportaria sim a dor, e fica um pouco mais claro que seu limite não era ser sofrer essa violência em si, mas o significado dela. O que essa violência significaria sobre sua autonomia de si e também dentro deste relacionamento. Edana, talvez, não conseguisse se perdoar. E consegue sair deste emaranhado das pressões ao aceitar que há barreiras pessoais intransponíveis, limites que não podem ser quebrados, mesmo diante da pressão de alguém que se ama. Edana consegue pela liberação de sua pulsão de destruição direcioná-la a quem a traiu no pacto civilizacional, ao contrário do que se espera do Outro que nos conectamos, este não a permitiu existir, mas a rebaixou a um lugar de coisa.

Conclusão

Vimos como de fato -e retomando- a psicanálise e a literatura conjuntamente são ferramentas que munem quem as utiliza para expandir a existência humana e suas potencialidades. Para Butler, a escrita era um meio de afirmar seu próprio poder, criar mundos e personagens que enfrentam (e frequentemente superam) adversidades, ela não apenas explorava sua própria relação com o poder, mas também oferecia reflexões universais sobre resistência, resiliência e agência.

Octavia E. Butler inicia *Kindred: Laços de Sangue* e finaliza com mais uma de suas máximas “Todas as lutas são, essencialmente, lutas sobre poder”, a retomada de si mesmo diante de uma sociedade que te submete e de relações hierarquizadas que sufocam o sujeito de tudo que o estrutura. Octavia utiliza Dana para si mesma, compete à Dana do presente

resgatar a Dana que vive agora em seu próprio passado, em similaridade com que a autora está fazendo ao escrever este livro, retomando a história de sua comunidade que também é sua e reescrevendo como ela consegue compreender. Deste modo, estabelecendo um paralelo com o discurso dentro da psicanálise, em que aquele que se permite estar em análise acessa e salva seu eu passado -e presente no tempo psíquico- do que fizeram dele e com ele.

“Não estávamos dentro, de fato. Éramos observadores assistindo a um show. Estávamos assistindo à história acontecer ao nosso redor.” (p.159), E aqui Octavia fala por meio da personagem se colocando juntamente ao leitor, que observa a história ser escrita. A cicatriz da escravidão ainda é protuberante e deixa um legado de amargura entre os povos, ferindo o pacto civilizatório e o senso de comunidade e pertencimento por muitas gerações. Entendemos o esforço que Butler faz para conseguir elaborar esse vazio de poder de ação. Aqui inferindo, a raiva, o incômodo, o desespero e sentimentos confusos e distantes por se ver como alguém que em outro momento teria sido traída pelo pacto civilizatório como seus antepassados foram.

Freud, em *Considerações sobre a Guerra* (1917), reitera esse comportamento que nós enquanto animais sociais temos de procurar no outro -que por vezes temos como adversário, mas também como espelho e referência essa conexão de experiências. Sobre buscarmos nas artes, na literatura e na ficção a numerosidade de vidas que desejamos viver enquanto ainda não estamos prontos para a morte, “por trás de todas as vicissitudes uma vida nos restasse ainda uma vida intacta.” (p.173)

Kindred, portanto, expressa, em diversas camadas, o funcionamento do inconsciente e o impacto duradouro dos traumas históricos e pessoais. Ao intercalar as experiências de Dana entre passado e presente, Octavia Butler cria uma narrativa que ecoa princípios fundamentais da psicanálise, como o retorno do reprimido, a forma como o inconsciente e as pulsões se manifestam tanto nos indivíduos quanto nas sociedades. Assim, o romance torna-se uma metáfora poderosa para mostrar a maneira como o passado escravocrata e suas marcas psicológicas continuam a moldar a vida contemporânea, com suas estruturas de sujeição, opressão e resistência.

Ilustra também o pilar da clínica psicanalítica, de como o sujeito desenvolve estratégias significativas para suportar a dor, ao mesmo tempo em que recria para si novas compreensões de quem se é. As três mulheres centrais do livro, Edana, Alice e Sarah, refletem diferentes formas de como o aparelho psíquico -os sujeitos, utilizam dos recursos

disponíveis libidinalmente e socialmente para agir no mundo. O que nos leva a refletir sobre nossa época e a como lidar com os males aos quais estamos submetidos em nossa sociedade.

O que poderia ter feito diferença na estrutura psíquica de Alice para que ela conseguisse encontrar outro caminho para lidar com o desespero, ou mesmo entender melhor os recursos que sustentaram Edana mesmo quando a ideação suicida a fazia ver na morte um fim possível. Este é um trabalho que não pretende esgotar-se em si, mas entender parte dos caminhos do impulso de autodestruição e a própria ação de violência do oprimido como fundamentais para mobilizar aquele sujeito que está sendo desumanizado e destituído de seu lugar no enlaçamento social.

A sombra do fascismo não está mais apenas rondando nossos governos e povos, mas já mostra seu corpo diante de nossos representantes, é de fundamental importância a contribuição de conhecimento sobre o que, ao mexer com as pulsões mais violentas e primitivas dos sujeitos em sociedade, permite entender os mecanismos de mobilização dos afetos e possibilita manejá-los para auxiliar na manutenção da autonomia conquistada por quem mais uma vez é colocado nesse lugar de minoria.

Referências:

- Alarcão, G. G. (2019). Escravização, preconceitos e psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 52(97), 227-240.
- Atwood, M. (2017) O conto da Aia. Rio de Janeiro: Rocco.
- Butler, E. O. (2014) Unexpected Stories. Open Road Integrated Media, ebook.
- Butler, E. O. (2017) Kindred Laços de Sangue. São Paulo: Morro Branco.
- Canavan, G. (2016) Octavia E. Butler. University of Illinois Press.
- Caniato, A. M. P. (2008). Violências e subjetividades: o indivíduo contemporâneo. *Psicologia & Sociedade*, 20(1), 16–32. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000100003>
- Danfá, L.. (2020). Violência Civilizacional e Colonial no Olhar de Frantz Fanon e Sigmund Freud. *Psicologia: Ciência E Profissão*
- Fanon, F. (2005). Os condenados da terra.. Juiz de Fora: Ed. UFJF. Coleção Cultura, v2.
- Faustino, D. M., & Rosa, M. D.. (2023). O MAL-ESTAR COLONIAL: RACISMO, INDIVÍDUO E SUBJETIVAÇÃO NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA. *Psicologia & Sociedade*, 35, e275160. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2023v35e275160>
- Freitas, K., & Messias, J. (2018). O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. *Das Questões*, 6(1). <https://doi.org/10.26512/dasquestoes.v6i6.18706>
- Freud, S. Luto e melancolia (1917). In: _____. A história do movimento psicanalítico: artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos (1914-1916). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 249-263. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).
- Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, Obras completas (P. C. de Souza, Trad., Vol. 12, pp. 13-50). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2011a). O mal-estar na civilização. In S. Freud, Obras completas (Vol. 18, pp. 191-270). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011b). Psicologia das massas e análise do eu. In S. Freud, Obras completas (Vol. 2, pp.9-97). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1893-1895)
- Freud, S. (1933) "Por que a Guerra?". Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Edição do Kindle. São Paulo: Autêntica, 2020. [[Links](#)]
- Freud, S. (1976). O ego e o id. In O ego e o id, uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos (edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XIX (pp. 13-86). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923)

Laurenti, C., Lopes, C. E., Araújo, S. F. (2016). Pesquisa teórica em psicologia: aspectos filosóficos e metodológicos. São Paulo: Hogrefe CETEPP.

Malard, L. (2013). Literatura e Psicanálise: A mulher sem pecado, de Nelson Rodrigues. O eixo e a roda, 22(2), 175-189.

Mandil, R. (2005). Literatura e Psicanálise: modos de aproximação. *Aletria*. ISSN 2317-2096 DOI:[10.17851/2317-2096.12.0.42-48](https://doi.org/10.17851/2317-2096.12.0.42-48)

Marzagão, L. R., Ribeiro, P. C., & Belo, F. R. R. (2012). Psicanálise e literatura: Seis contos da era de Freud. São Paulo: KRB.

Melo, P. N. (2022) Encarando a humanidade na obra de Octavia Butler: a tradução crítica do conto Childfinder. 132 f., il. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) — Universidade de Brasília, Brasília.

Moraes, D. (2012). A relação entre leitor e texto literário: Uma abordagem psicanalítica. Rio de Janeiro: Zagodoni.

Moreira, J. de O.. (2005). A alteridade no enlaçamento social: uma leitura sobre o texto freudiano "O mal-estar na civilização". *Estudos De Psicologia (natal)*, 10(2), 287–294. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000200016>

Oliveira, M. B., & Abreu, R. R. (2019). As vozes e os silenciamentos: uma leitura de Kindred - Laços de Sangue. Darandina, revisteletrônica. Vol., 12, Nº1. UFJF.

Pereira, A. A. da Silva, & Próchno, C. C. S. C. (2018). Psicanálise e literatura: uma proposta de análise do conto Berenice. *Revista Subjetividades*, 18(2), 1-12. <https://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v18i2.5205>

Pinto, D. R., & Ramos, S. M. (2018) "Sequestro no tempo": gênero, poder e a reconstrução da memória colonial em Kindred. in: X COPENE - Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros, 2018, Uberlândia.

Rabaté, J, & Santos, V. (2017). Psicanálise e literatura: por que, hoje?. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 9(2), 162-171. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2017v2p.162>

Simões, R. B. S. (2017). Psicanálise e literatura - O texto como sintoma. *Analytica: Revista de Psicanálise*, 6(11), 159-179. Recuperado em 08 de março de 2024, de [Psicanálise e literatura - O texto como sintoma](#).

Souza, W. As obsessões de Octavia Butler. Folha de São Paulo, 2020. Disponível em: <https://quatrocincoum.com.br/resenhas/l/as-obsessoes-de-octavia-butler>

Teixeira, L. C. (2005). O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *Psychê*, 9(16), 115-132. Recuperado em 08 de março de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200008&lng=pt&tlng=pt